

**A contribuição e o legado de Raymond Williams
para a consolidação dos Estudos Culturais britânicos¹**

Paula Roberta Santana ROCHA²
Goiamérico Felício Carneiro dos SANTOS³

Resumo

A proposta deste trabalho foi desenvolver uma discussão bibliográfica acerca da contribuição e do legado que o teórico marxista e crítico literário Raymond Henri Williams (1921-1988) deixou para o desenvolvimento e consolidação dos Estudos Culturais britânicos. Busca-se compreender o âmbito do nascimento dos estudos de cultura, que oficialmente, têm sua formação no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra do final dos anos 1950. O contexto social e histórico pelo qual passava a Grã-Bretanha do segundo pós-guerra foi de grande impacto para o nascimento de uma nova concepção acerca de termos como cultura, indústria e sociedade, que tiveram reflexos visíveis na teoria social contemporânea.

Palavras-chave: Raymond Williams. Estudos Culturais. Cultura. Comunicação.

Introdução

Em um contexto social e histórico do pós-guerra, onde há uma grande profusão de meios de comunicação de massa, uma predominância da chamada indústria cultural, em que termos como cultura, indústria, arte e democracia começam a aparecer de modo mais acentuado e problemático e onde o sistema capitalista industrial torna-se o modo de produção que mais gera desigualdades e dominações sociais e culturais – nascem os chamados Estudos Culturais britânicos – um projeto multidisciplinar que realiza uma

¹ Este estudo foi inicialmente escrito como base para apresentação no III Congresso Internacional de História: História e Diversidade Cultural realizado entre os dias 25 a 27 de setembro de 2012 na cidade de Jataí - GO. A versão atual, apresentada à Revista Temática é a completa e finalizada.

² Mestranda em Comunicação pelo Programa de PPG-COM da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). E-mail: paula_roberta_1990@hotmail.com

³ Professor Pós-Doutor em Comunicação (Unisinos e Universidade Nacional de Rosário/Argentina). E-mail: goiamerico@gmail.com

abordagem da cultura, analisando-a a partir de seu caráter de resistência e luta contra a dominação.

Os Estudos Culturais, inicialmente organizados através da chamada Escola de Birmingham⁴ e considerados mais uma disciplina acadêmica do que uma teoria, trazem uma herança do pensamento frankfurtiano e principalmente da teoria da hegemonia do teórico italiano Antonio Gramsci. Seu foco recai nas relações da cultura com a sociedade, em que esta última é considerada como um conjunto hierárquico e antagônico de relações sociais que caracterizam-se pela opressão de classes menos favorecidas, por questões de sexos, raças, etnias e localidades nacionais subalternas. O uso da teoria da hegemonia de Gramsci pelos Estudos Culturais vai focalizar nas formas sociais e culturais hegemônicas de dominação uma constante busca de forças contra-hegemônicas de luta e resistência (KELLNER, 2001).

Diferentemente da Escola de Frankfurt, os teóricos dos Estudos Culturais não fazem uma distinção entre alta e baixa cultura, mas valorizam todos os modos de se produzir cultura, sejam eles através do cinema, do rádio, da televisão ou dos romances populares. Assim, subvertem o conceito frankfurtiano de se pensar que a cultura elitista é superior à das classes mais baixas. Mas, do mesmo modo da teoria crítica, analisam a cultura partindo-se de um todo, através de suas relações com o Estado, a sociedade, a economia, a vida diária etc.

Ao longo deste trabalho, serão apresentadas algumas discussões teóricas concernentes à formação e desenvolvimento dos Estudos Culturais britânicos e principalmente o legado e contribuição que Raymond Henri Williams (1921-1988) deixou, através de obras como *Culture and Society: 1780-1950* (1958), *The Long Revolution* (1961), entre inúmeras outras. Serão apresentados resumidamente os

⁴ Os Estudos Culturais são oficialmente considerados uma disciplina teórica através do Centro de Estudos da Cultura Contemporânea (CCCS), da Universidade de Birmingham. No entanto, serão expandidos por quase todo o mundo, em locais como Austrália, Estados Unidos, Canadá, América Latina, entre outros, onde cada qual irá adaptar seus estudos, de acordo com sua realidade histórica, social e cultural. Por exemplo, os estudos de cultura latino-americanos começam a emergir, segundo Escosteguy (2001, p. 13), na década de 1980, “tendo como eixo central as novas configurações da cultura popular a partir da emergência das indústrias culturais”. Tendo como principais teóricos Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, os EC latino-americanos desenvolvem reflexões importantes e originais a respeito dos usos da cultura em nosso continente, porém de forma que também abrangia outros pensamentos da teoria social. Analisam a relação de cultura e poder e seu caráter conflitivo; a cultura considerada “legítima” e outras formas culturais consideradas “insignificantes”, além da cultura midiática e seu envolvimento em processos de resistência e reprodução social.

principais conceitos que o autor desenvolveu ao longo de sua vida, um panorama histórico dos Estudos Culturais, além da história pessoal e principais obras de Williams.

1 Um pouco da vida e obra de Raymond Williams

Raymond Williams, escritor, professor, intelectual marxista, um dos fundadores dos Estudos Culturais, nascido no País de Gales em 31 de agosto de 1921, no vilarejo de Pandy, é neto de agricultores e filho de um trabalhador ferroviário. Nasceu na fronteira do País de Gales e a Inglaterra, mas toda sua família possuía um sentimento de pertença galesa.

Os ferroviários votavam no Partido Trabalhista Britânico, enquanto os fazendeiros locais eram do Partido Liberal. Os trabalhadores ferroviários mantinham uma organização política e social próprias. Assim, a infância e adolescência de Williams são marcadas por esse interesse pelas questões políticas. Além disso, viveu num período de grandes guerras e no florescimento de grandes movimentos sociais, industrialização e avanços tecnológicos. Aos quinze anos, segundo Tavares, (2008), ele trabalhou como porteiro de ferrovia, até completar a idade para servir na Primeira Guerra Mundial. Ao retornar, trabalhou como assistente de porteiro e, depois, tornou-se sinaleiro.

Williams cresceu numa família socialista e teve sua infância ligada ao movimento dos trabalhadores desde muito cedo. Ele tinha cinco anos no tempo da Greve Geral de 1926 que teve repercussões na vila onde morava. O chefe da estação foi demitido porque era socialista e conflitos ocorreram entre aqueles que aderiram à greve e os que permaneceram trabalhando. Houve inclusive uma ocupação militar na região das minas e as notícias chegavam com rapidez nas Montanhas. Quando os trabalhistas ganharam as eleições de 1929, o pai de Williams era o chefe local do Partido Trabalhista e as comemorações que se seguiram à vitória marcaram a infância do escritor (TAVARES, 2008, p. 4).

Com onze anos, ganhou uma bolsa de estudos para estudar numa escola de ensino secundário, chamada King Henry VIII Grammar School, em Abergavenny. Williams não era dado à leitura nesse período: quase não possuía livros em casa, no entanto, tinha um desempenho escolar acima da média. Por esse motivo, foi admitido, aos dezoito anos, na Trinity College de Cambridge para estudar o curso de Letras em

Inglês. No mesmo período, tornou-se membro do Partido Comunista e do Clube Universitário Socialista de Cambridge.

Em 1940, alistou-se no Exército Britânico, indo para a Segunda Guerra Mundial em 1941. Serviu como capitão no regimento Antitanques da Guarda da Divisão Armada entre 1941 e 1945 e participou das ações militares da Normandia à Alemanha. Quando retornou a Cambridge, após quatro ou cinco anos, como ele mesmo salientou, muito de seus pensamentos e convicções haviam se transformado em relação ao mundo acadêmico pelo qual fazia parte antes de entrar para a guerra. A citação abaixo demonstra este sentimento, numa conversa que Williams teve com um amigo:

Sem dúvida, como ambos dizíamos, haviam passado somente quatro ou cinco anos. Realmente podia ter mudado tanto? Ao buscarmos exemplos, comprovamos que em política e em religião algumas atitudes gerais haviam se modificado, e estávamos de acordo de que se tratavam de mudanças importantes. Mas eu constatei que uma única palavra me preocupava, cultura, que parecia escutar-se com muito mais frequência: não só, naturalmente, em comparação com as conversas em um regimento de artilharia ou em minha própria família, senão em um cotejo direto com o ambiente universitário de poucos anos atrás (WILLIAMS, 2003, p.16 apud TAVARES, 2008, p. 7).

Assim, após terminar a graduação em 1946, iniciou uma carreira intelectual que o deixou conhecido além das fronteiras de seu país e da Inglaterra. Williams tornou-se um dos mais célebres pensadores marxistas do pós-guerra. Sua primeira tentativa de analisar a questão da cultura, através da ótica do contexto econômico e social, através de um pensamento teórico marxista resultou na fundação da revista *Politics and Letters*, elaborada juntamente com dois colegas de Cambridge, em 1947. No entanto, a revista teve apenas quatro edições, finalizando seus trabalhos em 1948, o que implicou num momento de grande frustração na vida do pensador. Apesar disso, o livro publicado em 1958, *Culture and Society: 1780-1950*, resultado de um trabalho de pesquisa individual foi o que culminou em sua ascensão profissional. O mesmo sucesso foi repetido por *The Long Revolution* (1961).

Quando se tornou membro da *New Left* Inglesa, atuou junto à *New Left Review* (revista da nova esquerda), o que também foi seminal para o amadurecimento de suas ideias. Dentre seus interesses, o maior deles era a tentativa de reformular as concepções da ideia de cultura. Segundo Tavares, (2008, p.10) “(...) as publicações da *New Left* passaram a traduzir vários pensadores marxistas europeus como, por exemplo, Gramsci,

Lukács, Brecht, Walter Benjamin, Adorno, Marcuse, Althusser, entre outros”. Para Cevasco, citada por Tavares:

É nesse quadro que se estrutura a “posição” de Raymond Williams. Mais perto por idade e afinidade da primeira geração da *New Left* – E. P. Thompson, John Saville e Ralph Miliband – compartilhava com a segunda geração das preocupações com a cultura popular, com a análise dos efeitos da nova sociedade das mídias e das maneiras de se combater as formas de dominação cultural. Ele foi um importante elemento de ligação entre os dois grupos e sua crítica iluminadora dos impasses político-culturais do capitalismo representa um componente fundamental da contribuição britânica à esquerda contemporânea (Cevasco, 2001, p. 125 apud Tavares, 2008, p. 10).

Neste sentido, além de escrever ensaios teóricos, combinados com análise sociológica, Williams também foi crítico literário e dramático. Escreveu livros ficcionais (romances), sendo os mais famosos: *Border Country* (1960), *Second Generation*, (1964); *The Volunteers* (1978), *The Fight for Manod* (1979), *Loyalties* (1985) e *People of the Black Mountains* (publicado em dois volumes, o primeiro em 1989 e o segundo em 1990).

Quanto aos ensaios teóricos, os principais são: *Culture and Society: 1780-1950* (1958); *The Long Revolution* (1961); *Culture is Ordinary* (1958); *Culture and Materialism* (1980); *The Politics of Modernism* (1989); *Modern Tragedy* (1966); *Marxism and Literature* (1977); *keywords: a vocabulary of culture and society* (1976); *The Country and City* (1973); *Television: Technology and Cultural Form* (1974); *Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory* (1997)⁵.

Williams foi convidado em 1961, para ser professor na Universidade de Cambridge, devido ao sucesso dos livros. Foi Professor de Dramaturgia de 1974 a 1983, professor visitante de Ciências Políticas na Universidade de Stanford, em 1973. Também lecionou por 14 anos na Worker’s Educational Association (WEA). Em 1983, se aposentou de Cambridge e viveu na cidade de Saffron Walden (Inglaterra) até seus últimos dias, onde passava a maior parte de seu tempo dedicando-se a obras ficcionais. Faleceu em 26 de janeiro de 1988, quando ainda escrevia o romance *People of the Black*

⁵ Estas obras, publicadas em língua portuguesa são: *Cultura e Sociedade: 1780-1950* (1969); *Cultura* (1992); *A Política do Modernismo* (2011). *Tragédia Moderna* (2002); *Cultura e Materialismo* (2011); *Marxismo e Literatura* (1979); *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade* (2007); *O campo e a cidade* (2011) e *Base e superestrutura na teoria cultural marxista* (2005).

Mountains (Povo das Montanhas Negras). Mesmo assim o livro foi publicado, contendo um anexo no final, onde esclarecia como seria a parte final da obra.

2 Origem e formação dos Estudos Culturais

Os Estudos Culturais, inicialmente reunidos e organizados através da denominada Escola de Birmingham perfazem uma história que data a partir do final dos anos 1950. Sua origem, como já visualizado em vários estudos, inicia-se com a publicação de três livros, *Culture and Society: 1780-1950*⁶, (1958) de Raymond Williams; *The uses of literacy*⁷ (1957), de Richard Hoggart e *The Making of the English Working Class*⁸ (1963), de Edward Palmer Thompson. Foi em torno destes três trabalhos que se inicia a trajetória dos Estudos Culturais, que neste primeiro momento vai se estabelecer na Inglaterra, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) ligado ao English Department da Universidade de Birmingham. Richard Hoggart é o fundador e diretor do Centro, em 1964, que passa a constituir-se como o primeiro centro de pesquisa de pós-graduação em Estudos Culturais. Posteriormente, de 1968 a 1979, Stuart Hall é diretor do Centro, se tornando um dos maiores expoentes contemporâneos dos estudos de cultura, que neste período, já assume nova roupagem.

Com uma orientação claramente marxista, o Centro vai incluir diversos teóricos preocupados com questões concernentes à política cultural e à cultura de massa, além do conceito de hegemonia (relações de dominação) de Gramsci que adquire bastante notoriedade nos EC. Os estudos da Escola de Frankfurt também são utilizados, de modo que suscitam questões relativas à Indústria Cultural, mas que apresentam algumas dessemelhanças, pois a visão do todo que os frankfurtianos tinham será reelaborada pelos Estudos Culturais; uma delas está nas “formas nas quais a indústria cultural, mesmo a serviço do capital, pode propiciar oportunidades para a criatividade individual e coletiva” (PRYSTON, 2003, p. 136).

Posteriormente, nos finais dos anos 1960, além do marxismo, os EC abarcam estudos da teoria francesa, a semiótica:

⁶ Edição brasileira: *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

⁷ Edição brasileira: *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. 2 vols. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

⁸ Edição brasileira: *A formação da classe trabalhadora inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

Evidentemente as duas tendências se entrecruzam permanentemente (esse entrecruzamento, sendo, aliás, a característica mais seminal dos EC) e seria impreciso separar tão radicalmente duas trincheiras, uma culturalista (com ênfase nas formas de vida, ou “estruturas de sentimento”, como diria Williams) e outra estruturalista, a semiótica (PRYSTON, 2003, p. 136).

Embora inúmeros trabalhos que tratam das origens e formação dos Estudos Culturais datarem seu início através destes trabalhos, Raymond Williams, em conferência proferida em 1986 na Associação para os Estudos Culturais em NorthEast London Polytechnic, opõe-se veemente a tais apreciações e assinala que:

Estamos começando a ver artigos de enciclopédia que datam o aparecimento dos estudos culturais a partir desse ou daquele livro de finais dos anos 1950. Não acreditem em uma só palavra. A mudança de perspectiva no ensino das artes e da literatura e sua relação com a história e a sociedade contemporânea começou com a Educação para Adultos, não começou em nenhum outro lugar (CEVASCO, 2003, p.61).

Raymond Williams, uma das figuras mais importantes inscritas na gênese dos Estudos Culturais foi professor, juntamente com Hoggart e Thompson da Worker’s Educational Association (WEA), uma organização de esquerda da Grã-Bretanha que visava a educação de trabalhadores que haviam servido na Segunda Guerra Mundial, além de outros que haviam sido privados da educação e necessitavam reintegrar-se à sociedade. A organização já existia antes da guerra, mas teve seu auge no pós-guerra, onde houve uma maior procura dos trabalhadores por uma educação que lhes possibilitasse uma melhoria de suas condições de vida (CEVASCO, 2003).

O trabalho dos professores da WEA era considerado mais político do que profissional. “A WEA defendia uma educação pública e igualitária que promulgasse os valores de uma cultura em comum, em contraposição aos esforços elitistas dos adeptos da cultura de minoria (...)” (idem, p. 62). Os valores que a organização apregoava como a inclusão social da classe trabalhadora a uma nova civilização, uma nova consciência social, da solidariedade, da construção de uma cultura comum, além da ideia de que uma nova sociedade só poderia ser criada das classes mais baixas para as altas vão de encontro com os pressupostos dos EC. Uma das atividades, ou, melhor dizendo, desafios dos integrantes da WEA era a de superar alguns valores relativos à concepção de educação que predominava na Grã-Bretanha. A primeira delas é a concepção elitista dos adeptos da cultura de minoria de *Scrutiny* e do treinamento social dado pelos

Fabianos⁹. A outra, refere-se ao esforço dos professores para lecionar as disciplinas de um modo que as pessoas comuns pudessem compreender, ou seja, o uso de uma linguagem simples, clara e sintética. Além disso, os alunos necessitavam que os temas das disciplinas tivessem relação com suas vidas, sendo um dos assuntos de maior interesse as modificações culturais que ocorriam no seio da sociedade, o outro desafio dos professores aludia num esforço interdisciplinar, voltado para questões culturais que afetavam diretamente a vida destas pessoas.

Para Cevasco (2003, p. 63), “em um projeto didático, cujas palavras-chave são experimentalismo, interdisciplinaridade e envolvimento político, não é de se admirar que surja a necessidade de uma nova forma de organizar essa prática”. Dessa forma, as peculiaridades pelas quais o contexto histórico e social britânico se encontravam foram fundamentais para o aparecimento dos estudos de cultura – campo de estudos que expressavam a busca por um modo de vida baseado na solidariedade, numa cultura em comum. A WEA, sendo o exemplo mais claro desta formação distinguia-se por pertencer a uma organização esquerdista, voltada para o ensino democrático e pela constante busca de uma cultura em comum.

Nas escolas noturnas da organização havia uma grande troca de experiências teórica e prática entre trabalhadores comuns e professores, que podiam tratar de assuntos que refletiam suas realidades, abandonando alguns princípios do ensino que vigorava (e ainda vigora), baseados na imposição de valores da classe dominante e em temas que fugiam substancialmente da vida ordinária, tanto dos estudantes, quanto dos professores. Dessa forma, os princípios da Educação para Adultos foram decisivos para o nascimento dos Estudos Culturais.

Quanto às obras que marcaram o início dos estudos de cultura, o livro *The uses of literacy*, de Richard Hoggart abrange a questão dos materiais culturais da cultura popular e dos meios de comunicação de massa utilizados pelas classes naquele período. Escosteguy (2001, p. 22) assinala que “este trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas, também, resistência, o que bem mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos”. Hoggart também

⁹ Sociedade sócio-democrática britânica, fundada no final do século XIX, denominada Socialismo Fabiano, que objetivava uma reforma gradual da sociedade, através dos ideais socialistas, contrariando os ideais marxistas. Dentre seus objetivos, estava o de treinamento de elites entre os trabalhadores.

pretendia em sua obra, romper com a objetividade sociológica positivista e tentar analisar a subjetividade contida na cultura através das vidas individuais.

Em *The Making of the English Working Class*, E. P. Thompson reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa, vista do ponto de vista das classes mais baixas. O autor, juntamente com Williams entendia que a cultura “era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro do qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 22). A partir deste entendimento, é possível estabelecer conexões entre a visão dos três autores: ambos acreditavam que a cultura deveria ser analisada, de modo a abranger todas as classes sociais e que seu conceito envolveria práticas e significações do cotidiano, onde as expressões culturais não poderiam ser analisadas fora dos contextos sociais das instituições.

Considerado dos três, o mais importante e fundamental para o estabelecimento dos EC, em *Culture and Society: 1780-1950*¹⁰, Williams trabalha o conceito de cultura relacionando-o ao advento do industrialismo e utilizando-se de inúmeros pensadores, teóricos e literatos para tecer este conceito. Para ele, o conceito e a própria palavra cultura, em seu sentido moderno, nasceu no pensamento inglês, no período da Revolução Industrial. “Cultura – todo um sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual” (WILLIAMS, 1969, p. 58). O adjetivo “culto” que separava a multidão do reduzido número de pessoas cultas vai contribuir decisivamente para que surgissem as novas abstrações “cultismo” e “cultura”. Assim, foi a partir dos tempos de Coleridge que a ideia de cultura entra decisivamente no pensamento social inglês. Cultivo, para Coleridge era um “estado” ou “hábito” do espírito.

Neste sentido, o século XX, considerado a “era da cultura” e como nos anos finais de 1950 em diante ocorria uma grande profusão de meios de comunicação e produtos culturais, definia-se então, um dos objetos de estudo dos EC. De acordo com Cevalasco:

A expansão da quantidade de meios de produção cultural possibilitou a percepção clara de uma qualidade definidora desses meios, ou seja, são práticas de produção que fazem uso seletivo de meios materiais como, para dar alguns exemplos, a linguagem, as tecnologias da escrita ou meios eletrônicos de comunicação, a fim de dar forma aos significados e valores de uma sociedade específica. Esses significados são culturais, adquirem

¹⁰ No próximo tópico, as obras de Raymond Williams, em especial *Cultura e Sociedade* serão analisadas com maior profundidade. Neste primeiro momento, para descrever a origem e formação dos Estudos Culturais, será feito um apanhado geral dos três livros, considerados os que deram início aos EC.

existência perceptível por meio dessas formas culturais e são modificados na medida em que entram em conjunção com pessoas em situações específicas que os podem aceitar, modificar ou recusar. Assim, não é de admirar que Williams, Hoggart e Thompson tenham se interessado pela cultura dos de baixo, buscando formas de resistência à cultura capitalista nos significados, valores e conhecimentos produzidos pelos que o sistema deixa de fora e explora (CEVASCO, 2003, p. 69).

Por possuírem um caráter pluralista e interdisciplinar, os EC, em sua origem britânica constituem-se, segundo Escosteguy, num campo amplo e aberto a entendimentos diversos. Não apresentam uma posição teórica unificada, mas seu conteúdo também não apresenta formulações tão dessemelhantes, que não demarquem uma unidade. Para a autora, os Estudos Culturais não podem ser considerados uma disciplina, mas sim, um campo em que várias disciplinas interatuam.

Os estudos culturais não dizem respeito apenas ao estudo da cultura. Nunca pretenderam dizer que a cultura poderia ser identificada e analisada de forma independente das realidades sociais concretas dentro das quais existem e a partir das quais se manifestam (BLUNDELL ET AL., 1993, p. 2, apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 27).

Assim é marcado o aparecimento os Estudos Culturais: um campo repleto de controvérsias, debates e discussões. O discurso predominante é o de que os EC surgem de forma organizada através do CCCS, mas não se pode deixar de ressaltar o papel que a Worker's Educational Association teve na formulação de sua conjuntura inicial. Foi através do trabalho realizado na organização que surgiram as primeiras bases teóricas que marcaram o início dos estudos de cultura. Tal observação deve sempre ser ressaltada, algo que geralmente não ocorre nos trabalhos que tratam das origens dos Estudos Culturais, com exceção ao de Maria Elisa Cevasco em *Dez lições sobre os Estudos Culturais* (2003) – amplamente utilizado para a execução do presente trabalho.

3 Principais conceitos desenvolvidos por Raymond Williams

“A história da ideia de cultura é a história do modo por que reagimos em pensamento e em sentimento à mudança de condições por que passou a nossa vida” (WILLIAMS, 1969, p. 305). Este trecho de *Cultura e Sociedade* traduz, em termos gerais, uma das ideias centrais dos trabalhos de Williams, que deram origem a trabalhos posteriores, como *The Long Revolution* (1961), *Keywords* (1976) etc., além das bases

para uma teoria cultural. Através dos teóricos pelos quais ele percorre, realizando análises de suas obras e suas contribuições para o desenvolvimento da ideia e as mudanças semânticas do termo cultura, iniciando em 1780, com Cobbet e Burke, até 1950, passando por T. S. Elliot, I. A. Richards, F. R. Leavis, entre outros, é possível constatar um grande amadurecimento de seus conceitos e uma visão de cultura que perpassa os desenvolvimentos globais nas condições de nossas vidas comuns.

Williams localiza uma tradição inglesa de debates (iniciada nos anos 1700) que focalizavam a qualidade da vida social, em que pensadores de diversas áreas (romancistas, publicistas, poetas, analistas políticos) apresentavam seus diferentes pontos de vista. Estes pensadores criticavam uma Inglaterra que tinha o novo industrialismo e a nova democracia como principais características, e suas ideias tiveram forte impacto sobre o pensamento do século XX.

O industrialismo, e junto com ele, a consolidação do modo de produção capitalista industrial foi um dos fatores primordiais para essa mudança estrutural na sociedade e em suas relações com a cultura. Para Tavares (2008), um dos grandes méritos da obra de Williams foi a de focar a relação de cultura e sociedade, analisando os trabalhos dos principais teóricos em conjunto, não de modo separado, como até então se vinha fazendo.

Em outras palavras, um dos méritos desse trabalho foi o de localizar essa tradição em obras de autores que comumente eram estudados em separado. Isto é, procura focar as respostas que intelectuais ingleses dão às transformações sociais, políticas e econômicas pelas quais estão passando. Respostas estas que muitas vezes se repetem dentro de uma mesma tradição e que propõem soluções para o “estado das coisas” (TAVARES, 2008, p. 14).

Williams sempre deixou explícito ao longo de seu trabalho que uma sociedade só poderia ser compreendida através dos contextos das ações e acontecimentos em que se inseriam. Todo o esforço pelo qual se vinha realizando para a formulação da ideia de cultura correspondeu a um mesmo esforço lento e gradual para a compreensão dos três maiores problemas da época, a saber: a indústria, a democracia e a arte. Em suas conclusões pessoais, o autor busca apresentar as várias definições a que foi levado. Em primeiro lugar, encontra-se na questão da massa e das massas.

O conceito de massa, em sua visão, corresponde a uma série de dificuldades. A primeira consiste na ideia de massa significar população, ou seja, a concentração de

habitantes nas cidades e de trabalhadores nas fábricas, o que geraria uma espécie de massificação física por conta da produção feita através de máquinas e também de uma massificação social, em virtude das relações de trabalho, que impõem uma produção coletiva em larga escala. Além disso, destaca-se a massificação política, pelo fato de a classe trabalhadora se auto-organizar e já ser em si organizada. Assim, o termo massa, derivando-se de multidão, de população é sustentado com certo preconceito, pois no sentido mais antigo, teria como características a vulgaridade de gostos e hábitos, a volubilidade e a fácil manipulação. Neste sentido, para Williams, a massa sempre são os outros, os indivíduos que não conhecemos e nunca poderemos conhecer, mas que sempre estão conosco fisicamente. Por este e entre outros motivos, o termo se mostra tão complexo. “Em verdade, não há massas; há sempre maneiras de ver os outros, como massa. Nas sociedades industriais dos grandes centros urbanos são muitas oportunidades de ver os outros desse modo” (WILLIAMS, 1969, p. 309).

Assim, o que se pretende não é apenas ressaltar tal questão, mas indagar que efeito esses modos de ver as outras pessoas tiveram sobre os hábitos pessoais e coletivos de pensar. Estes modos de enxergar os outros têm sido meios de exploração política e cultural. Em certo sentido, como multidão e povo, o termo pode ser válido. Mas a fórmula e o sentido pelos quais o termo é concebido são, de modo total, preconceituosos. A partir deste entendimento, Williams leva adiante a discussão de comunicação de massa que para ele, corresponde a um modo de “transmissão múltipla”. O termo comunicação de massa deriva-se assim, do desenvolvimento da imprensa e posteriormente dos meios eletrônicos (telégrafo, rádio, televisão) que possibilitaram um avanço técnico, considerado um dos mais importantes de nossos tempos. Sendo assim, a comunicação de massa corresponderia muito mais à intenção do comunicador do que às audiências que receberiam tais mensagens. Para ele, comunicação nada mais é que transmissão: “remessa num único sentido. Recepção e resposta, que completam a comunicação, dependem de fatores outros que não as técnicas” (WILLIMAS, 1696, p. 311).

Williams apresenta argumentos que redefinem os conceitos que concernem à comunicação de massa. Com a afirmativa de que comunicação não é apenas transmissão, mas também recepção e resposta, o autor lança as bases para o estudo das audiências massivas que foram num estágio posterior do desenvolvimento dos Estudos Culturais, amplamente incluído como um de seus objetos de estudo.

Para Kellner (2001) os teóricos da Escola de Birmingham viam a importância da cultura da mídia e como esta está imbricada nos processos de dominação e resistência. No entanto, rejeitaram veemente o termo “cultura de massa”, como também o termo “massa”. Raymond Williams foi um dos responsáveis por esta rejeição, quando argumenta que o termo tende a ser elitista, fazendo com que exista uma dicotomia entre alto e baixo, onde a cultura da massa é desprezada. “O conceito de ‘cultura de massa’ também é monolítico e homogêneo, portanto, neutraliza contradições culturais e dissolve práticas e grupos opositoristas num conceito neutro de ‘massa’” (KELLNER, 2001, p. 50).

Quanto à questão da comunicação que Williams trata em suas conclusões de *Cultura e Sociedade*, resta explicar as relações desta com a comunidade. Comunidade no sentido de tornar algo comum, como a cultura que tanto o autor apreendeu com maior profundidade em *Culture is Ordinary* (1958). Não se deve pensar numa genuína teoria da comunicação, tendo apenas como bases, as técnicas de comunicação de massa, fragmentos da linguística ou da psicologia ou apenas nas técnicas da transmissão. Esta teoria precisa levar em conta a comunidade:

Isto não será possível, enquanto não se compreenda que transmitir é sempre oferecer e que esse fato deve determinar sua forma de apresentação: não é uma tentativa de dominar, de impor, mas de comunicar, de conseguir recepção e resposta. Recepção ativa e resposta viva dependem, por sua vez, de uma efetiva comunidade de experiência e sua qualidade depende, com igual certeza, do conhecimento de uma prática igualdade os cidadãos. Os vários tipos de desigualdade, que ainda dividem a comunidade em que vivemos, tornam difícil ou impossível a comunicação eficaz. Não dispomos de uma genuína experiência comum, a não ser em raros e perigosos momentos de crise. O que nos está custando, em toda espécie de moeda, é hoje bem visível. Precisamos dela para não dispor de uma abstração, mas porque não sobreviveremos sem seu auxílio (WILLIAMS, 1969, p. 325).

Entretanto, esta cultura comum não pode ser entendida como uma cultura igual. O que Raymond Williams propõe é que exista e se concretize uma igualdade de ser. Não entendendo isso, é claro, como sinônimo de igualdade econômica ou social, pois a igualdade de ser transcende essas duas. No entanto, para que haja uma igualdade entre os seres humanos, onde as oportunidades existam para todos e a experiência comum seja valorizada, é necessária a existência de igualdade no acesso aos processos básicos da vida, como por exemplo, o direito à propriedade. Alguns tipos de desigualdade como as concernentes a alguma capacidade humana ou de desenvolvimento do saber, podem não afetar a busca pela igualdade de ser. Cada pessoa possui um tipo de capacidade, um

trabalho que sabe dominar, lidar. Todos nós necessitamos de todos, não vivemos no mundo isolados e cada habilidade de um ser humano se relaciona com outro que necessita dela para sua sobrevivência.

E é neste ponto que se configura uma cultura viva, não apenas fruto de artefatos ou um corpo de trabalho imaginativo e intelectual, ou ainda num modo de vida baseado na língua, na vestimenta ou no lazer. “A distinção vital se coloca em nível diferente”, não na distinção do modo de se vestir ou de falar, pois isso, gradualmente vem sendo uniformizado por conta do desenvolvimento industrial. “A distinção crucial está em formas alternativas de se conceber a natureza da relação social” (idem, p. 333). Seria, por assim dizer, em formas de resistência.

Nas partes finais da obra, também foi desenvolvida a questão da cultura da classe trabalhadora. Talvez por ter nascido numa família de classe trabalhadora, ter sido trabalhador, participado ativamente de movimentos esquerdistas e ter sido um dos maiores expoentes da *New Left* inglesa, Williams se interessasse tanto em entender os anseios e problemas dessa classe. Assim, faz uma exclusão das dicotomias de cultura alta ou burguesa versus cultura popular ou cultura de massa. Para ele:

Em nossa cultura, como um todo, há ao mesmo tempo uma interação constante entre esses sistemas de vida e uma área que pode ser adequadamente descrita como comum ou pressuposta por ambos. A classe trabalhadora, por motivo de sua posição, não produziu, desde a Revolução Industrial, uma cultura no sentido mais estrito. A cultura que produziu e é importante assinalar é a instituição democrática coletiva, seja nos sindicatos, no movimento cooperativo ou no partido político. A cultura da classe trabalhadora, nos estádios através dos quais vem passando, é antes social (no sentido de que criou instituições) do que individual (relativa ao trabalho intelectual ou imaginativo). Considerada no contexto da sociedade, essa cultura representa uma realidade criadora notável (ibidem, p. 335).

Não faz mais sentido separar a alta cultura da baixa cultura, mesmo porque uma se relaciona com a outra. Cada vez mais a cultura burguesa vem sendo difundida pelos meios de comunicação e pela educação generalizada. Cultura, como sendo todo um modo de vida, não pode ser baseada apenas no trabalho imaginativo e intelectual, ideia que predominou até meados do século XX.

Em seu ensaio *A ideia de Cultura* (2005), Terry Eagleton, um dos professores do Centro de Estudos da Cultura Contemporânea, que também foi aluno de Williams traz à luz novos desdobramentos e focalizações no que concerne à ideia de cultura. Quando Williams defende que uma cultura comum só poderia ser realizada através de um

crescimento natural, cultivado através do cuidado e do cultivo, é possível relacionar tal conceito ao que Eagleton estabelece entre a origem etimológica da palavra cultura com natureza.

Cultura sugere uma dialética entre o artificial e o natural. Um de seus significados etimológicos na língua inglesa é “lavoura” ou “cultivo”. Sendo assim, a transição histórica na qual a palavra passou, nas palavras de Eagleton, relacionam-se com o êxodo rural para o urbano. Ao mesmo tempo em que oferece tantas interpretações, a palavra cultura é paradoxal, pois os considerados “cultos” são os que vivem nas cidades, enquanto que os que vivem na zona rural não o são. Assim, a cultura, o cultivar transforma a natureza através dos meios que a própria natureza oferece.

Em trabalhos posteriores como a obra *Cultura* (edição brasileira de 1992), Williams trata, em termos gerais, de questões relacionadas a uma nova concepção de sociologia da cultura. Para ele, existe uma grande ênfase em se estudar os efeitos culturais em instituições e grupos de grande porte por disporem de grandes números e grupos de controle, do que estudar as relações sociais da produção cultural. Mas, enquanto houver poucos estudos das relações de instituições e associações mais antigas, igualmente formais, mas embora menores ou menos formais e até mesmo informais, sempre haverá alguma hesitação teórica (WILLIAMS, 1992).

A organização social da cultura é muito complexa e constitui-se de vários tipos de organização, do mais direto ao menos indireto. Sendo assim, é possível desenvolver métodos sociológicos em áreas distintas, mas que se interligam no que diz respeito às instituições e formações culturais, aos meios de produção culturais, artes culturalmente desenvolvidas, além de formas artísticas que se definem como sistemas de significações realizados e correlatos. Neste sentido, neste trabalho o autor defende que a sociologia da cultura deve ser estudada através de métodos sociológicos interdisciplinares e ainda cita os trabalhos de Lasswell e Lazarsfeld, em trabalhos que tratam da sociologia da comunicação. Para ele, a comunicação moderna constitui-se por um sistema de significações manifesto.

Assim, todo o trabalho de Williams vai se concentrar no estudo da cultura e suas relações com a sociedade. Em *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade* (2007), por exemplo, ele investiga e reconstitui historicamente o sentido das palavras indústria, arte, democracia, classe e cultura – palavras que ajudam a entender o contexto

do pós-guerra. Apresenta a origem, evolução e diferenciação de termos de acordo com as correntes teóricas e acadêmicas. Palavras-chave é, assim, um vocabulário das palavras mais importantes que circulavam no contexto dos anos 1950 em diante.

Considerações Finais

Cada época possui seu contexto específico, suas necessidades, suas angústias, que exigem novas respostas, construção de novas alternativas que deem conta dessas transformações. Os Estudos Culturais nascem numa época de grandes transformações na sociedade, em que os teóricos desta disciplina já se encontram envoltos numa sociedade em transição e se deparam com questões que até então haviam sido relegadas. Um grande diferencial deste campo disciplinar é que ele se espalhou por todo o mundo e assumiu novas roupagens, de acordo com as novas e relevantes teorias sociais e as perspectivas e ramificações que gradativamente foram se estabelecendo e ainda se estabelecem nos estudos de cultura.

Foi possível identificar, neste trabalho, uma releitura de algumas das principais ideias e conceitos que Raymond Williams elaborou, principalmente na esteira do conceito de cultura, além do legado que deixou para o posterior desenvolvimento dos estudos de cultura e comunicação.

Temer (2005) organiza os estudos ingleses (EC) através do termo “Paradigma Culturológico”, o qual se faz entender por todo um conjunto de estudos que partem de uma valorização da perspectiva histórica e entendem a mídia como aparelho ideológico, cujo interesse é manter a ordem social vigente. A eficiência e rapidez com que os meios de comunicação propagam suas informações são, de modo geral, meios de difusão ideológica que possuem um poderoso alcance sobre a recepção. No entanto, os Estudos Culturais, em especial, analisam estas formas ideológicas, partindo do pressuposto de que existem forças contra-hegemônicas que buscam formas de luta e resistência contra a dominação ideológica. E é a partir da análise dos estudos de recepção que posteriormente, os EC vão trabalhar com mais intensidade o campo da Comunicação. A Comunicação, seria assim, um meio e forma de produzir e difundir cultura.

Neste sentido, para os Estudos Culturais entender os processos comunicativos é uma forma de compreender a cultura e o modo como ela se organiza na sociedade contemporânea. Para Williams, a cultura é entendida como uma construção de sentidos

e significados impregnada pela dinâmica dos processos e meios comunicativos. A contribuição e legado do teórico, deixado através das obras de uma vida inteira, continuam sendo exponencialmente válidas e readaptadas para nosso contexto midiático atual.

Os estudos de cultura foram decisivos para que ocorresse uma nova abertura e uma nova concepção do significado de cultura para nossa sociedade. Cultura é de todos, está em todos. Desde os vestuários até os modos dos indivíduos se portarem. A concepção de que se tinha de alta cultura e baixa cultura foi substancialmente abandonada graças à percepção que os teóricos dos EC tiveram ao tentar compreender a forma como os meios de comunicação difundiam e reproduziam as formas culturais e como a acessibilidade a essas formas culturais e à educação se acelerava.

Por isso, comunicação e cultura se inter-relacionam, de modo que uma é dependente da outra. Como já apregoava Williams, comunicar é transmitir, compartilhar mensagens; não impor conceitos, ideologias, verdades únicas. A comunicação deveria transmitir as mensagens de modo que induzisse os indivíduos à reflexão, para que os mesmos pudessem ser capazes de tomar posições individuais e críticas. E é em razão disso que a comunicação exige recepção e resposta. E hoje, estas percepções se fazem ainda mais presentes através da web 2.0.

Nesta perspectiva, parafraseando Douglas Kellner, os meios de comunicação, ao mesmo tempo em que se constituem numa cultura tecnológica e de consumo com um discurso falaz e muitas vezes voltado para a imposição de ideologias e valores; também podem produzir forças contra-hegemônicas e participação democrática, onde o público pode resistir às mensagens e significados dominantes, criando sua própria narrativa, interpretação e leitura e apropriando-se das mensagens da cultura de massa de modo a inventar significados, identidade e forma de vida próprios.

Referências

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

PRYSTON, Ângela. Estudos Culturais: uma (in)disciplina? **Revista Comunicação e Espaço Público**, Brasília, ano VI, nº 1 e 2, p.133-141, 2003. Disponível em: http://www.fac.unb.br/site/images/stories/Posgraduacao/Revista/Edicoes/2003_revista.pdf#page=133 Acesso em: 10 de abril, 2012.

TAVARES, Hugo Moura. Raymond Williams: pensador da cultura. **Revista Ágora**, nº 8, p. 1-27, 2008. Disponível em: http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documentos/Revista_8_PDFs/agora_HUGO_MOURA_TAVARES.pdf Acesso em: 15 de abril, 2012.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. As bases sociológicas nos estudos das Teorias da Comunicação. **Revista Comunicação: Veredas**. Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Marília – Unimar. Marília: Unimar, 2005, v. 4, nº 4, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. Base e Superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, São Paulo, nº 65, p. 210-224, março/maio, 2005. Disponível em: http://www.4shared.com/office/qBsztNxG/Base_e_superestrutura_na_teor.html Acesso em: 01 de maio, 2012.

_____. **Cultura**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1992.

_____. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.